

IMPRESSÕES TEÓRICO-CONCEITUAIS DA COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM

José Hamilton Gondim Filho¹ e Graciele de Brito Silva²

APRESENTAÇÃO

Este trabalho busca refletir, por meio de pesquisa bibliográfica sobre as impressões da Ontologia da Linguagem. Partiremos de uma concepção diferente da habitual utilizada nas outras ciências, para entender a linguagem como estudo da natureza do ser sob dois pontos de vistas distintos e complementares. Por um lado, à perspectiva filosófica descrita por Heidegger e por outro, a abordagem de Echeverría acerca da linguagem como processo que perpassa a linguagem para chegar além dela. Segundo o pensamento dos autores a linguagem passa a ser vista como a chave para compreender os fenômenos humanos e sua infinita capacidade geradora.

INTRODUÇÃO

Abordada conceitualmente a comunicação humana tem quase sempre duas facetas: o observador e observado; o falar e o escutar; o espaço e o tempo e os múltiplos e o logos. Geralmente se pensa que é mais importante se fazer observado, já que este parece ser o lado ativo da comunicação, enquanto que o observar costuma ser considerado como passivo. Porém a comunicação enquanto linguagem exerce muito mais poder do que se imagina, e é através dela, que os papéis podem ser invertidos. A linguagem pode ser vista ora como meio, como função, como processo de interação, ou ora como fonte de dominação. Partiremos da concepção da ontologia da linguagem descrita por Echeverría e das contribuições filosóficas de Heidegger, a cerca da ontologia, para delinear a dependência do poder da linguagem sobre o ser humano em seus processos conversacionais.

Na tentativa de conceituar ontologia, Heidegger parte do pressuposto de que ontologia é a resposta que damos à pergunta pelo ser humano. Ou seja, é a resposta que damos às perguntas sobre nós mesmos, porque buscamos respostas para questões que perpassam a nossa existência.

Já Echeverría (1998) descreve que a ontologia da linguagem representa a convergência de duas linhas de indagação: a primeira é a que busca respostas para questões do ser humano e a segunda surge da preocupação de delinear o fenômeno da linguagem. Heidegger ao investigar a linguagem e a poesia como lugares ontológicos também afirma isso.

Desta forma, essa segunda linha de indagação talvez seja o parâmetro básico dentro dos quais responderemos qualquer outra pergunta que nos seja feita.

No campo da filosofia, Echeverría (1998) considera que existem três desenvolvimentos importantes que desafiam o programa metafísico do pensamento humano: O primeiro e talvez o mais importante, trata da filosofia de Nietzsche como a mais forte crítica ao entendimento da alma humana, por questionar seriamente, fora do marco da metafísica, os pressupostos básicos da linguagem. O segundo se refere à fenomenologia existencial de Martin Heidegger e sua crítica ao pensamento cartesiano,

¹ Professor José Hamilton Gondim Filho, Mestre em Administração.

² Professora Graciele de Brito Silva, mestranda em Comunicação Social pela Universidade Católica de Brasília.

onde os seres humanos são seres racionais. O terceiro e último período é o da filosofia de Ludwig Wittgenstein, que oferece uma compreensão da linguagem radicalmente nova e a partir de suas contribuições Echeverría se logra a reinterpretar o caráter da linguagem.

É possível perceber que existe uma preocupação em desvendar os mistérios do pensamento humano através da linguagem, por acreditar que há na linguagem respostas para questões complexas, que muitas vezes, ultrapassam a compreensão de mundo que temos.

A especulação de Heidegger, é puramente ontológica e toda orientada para a solução da questão do ser que conduz ao tema da linguagem. A linguagem como nos diz Heidegger (2005) em “Ser e tempo”, “é a morada do ser” faz uma elaboração concreta à cerca do sentido, não de forma conceitual, mas de forma interpretativa.

Descartes acredita que o pensamento é a base para entender os seres humanos. Esse ponto de vista, sempre adquire procedência e nos leva a indagações do tipo de seres que somos. Desta forma, podemos concluir que “existimos porque pensamos” ou “penso logo existo”. Esse olhar é a base do ser, por isso chamamos esta nova compreensão dos seres humanos de ontologia da linguagem. (ECHEVERRÍA, 1998 p. 25).

Para Heidegger o pensamento busca elaborar uma representação universal da linguagem. O universal da linguagem é o que vale para toda e qualquer coisa é o que ele chama de essência. Com isso, o autor mostra, que a linguagem pertence ao homem, porque está presa a ele desde o seu surgimento. “Fazer uma colocação sobre a linguagem: e nada além dela”. (HEIDEGGER, 2008 p.8).

Sobre o surgimento da ontologia da linguagem (ECHEVERRÍA, 1998 p.20), diz que ela é derivada da metafísica, e se concebe pela sequência de acontecimentos ocorridos no passado que impactam o futuro, pois são capazes de abrir largos períodos históricos para humanidade. “Antes da invenção do alfabeto, os seres humanos viviam na linguagem do vir-a-ser”, a linguagem e a ação estavam unidas, as histórias narravam as ações dos atores e dessa maneira aprendia-se, por exemplo sobre o que era compaixão e coragem. Contudo, o alfabeto separou o narrador da ação e da linguagem, e o surgimento do texto escrito produziu a mudança da linguagem do vir-a-ser para uma linguagem das ideias.

A reflexão agora passa a substituir o relato conforme (ECHEVERRÍA, 1998, p. 21), “então começamos a nos perguntar sobre os conceitos, dos quais os heróis passaram a ser exemplos; passamos da linguagem do vir-a-ser para a do ser, mudanças que trouxe ganhos no desenvolvimento da capacidade de reflexão, do pensamento racional e científico, da lógica e da filosofia, partindo da distinção entre a teoria e a prática”. Mas não podemos deixar de lado o pensamento oral mítico e a reflexão sobre as questões do ser que também podem ser levantadas.

Nesse sentido, podemos afirmar que a partir das diferentes contribuições da filosofia, também, surgiam novos esforços na biologia³ para compreender as raízes dos seres humanos e sua capacidade particular de linguagem, tendo sido introduzido tanto no campo da reflexão, no enfoque científico, como também no enfoque sistêmico.

Echeverría (1998, p. 31-36) apresenta três postulados básicos da Ontologia da Linguagem:

O Primeiro postulado diz que interpretamos os seres humanos como seres linguísticos. A linguagem é, acima de tudo, o que faz os seres humanos o tipo particular de seres que são porque a linguagem é a chave para compreender os fenômenos humanos.

³ Echeverría refere-se a obra obra valiosa do biólogo chileno Humberto Maturana, que terá uma influência decisiva na Ontologia da Linguagem.

Neste postulado é possível identificar três domínios primários: domínio do corpo, domínio da emoção e domínio da linguagem.

O segundo postulado diz que interpretamos a linguagem como geradora. A linguagem não somente nos permite falar sobre as coisas, mas a linguagem faz com que aconteçam coisas. A linguagem é ação, cria realidades e modela a nossa identidade no mundo em que vivemos.

O terceiro e último postulado diz que interpretamos que os seres humanos se criam a si mesmos na linguagem e através dela. Esse postulado é resultante dos dois primeiros, aqui se afirma que os indivíduos nascem dotados da possibilidade de participar ativamente do desenho de sua própria forma do ser.

Na contemporaneidade, é possível interpretar os postulados aparentemente como formadores da nossa própria existência, uma vez que ao relacionar os três, não dá para separá-los porque eles se complementam. Cabe ressaltar que como afirmado, somos seres linguísticos e como tal interagimos de diferentes formas, culturas e credo. O ser humano é um espaço de possibilidades para sua própria criação e o que possibilita isso é exatamente a infinita capacidade geradora da linguagem.

Ao afirmar a linguagem como geradora, sustentamos que a linguagem também é ação e cria realidades. Este é o foco principal da Ontologia de Linguagem e seu interesse principal são os seres humanos.

Para se entender os três postulados básicos da ontologia da linguagem, é preciso verificar a posição da figura do observador e seu verdadeiro poder neste processo. Como já afirmado: “vivemos em mundos interpretativos” Assim ECHEVERRÍA (1998, p. 40) apresenta o conceito de observador como sendo “a forma como as coisas são é somente a forma como vemos as coisas”.

Echeverría (1998) ressalta ainda que, a perspectiva de olhar como observador reside na capacidade de o ser humano poder se observar como observado, o que o leva a atuar não só sobre o mundo que observa, mas também sobre si mesmo, abrindo, assim, um espaço para a aprendizagem e faz lembrar, ainda que, ao atuar sobre o observador do mundo, esse observador está também transformando o mundo em que se observa.

O observador, a ação e o resultado levam à reflexão de que os seres humanos têm passado tempo demais disputando a posse da verdade sobre interpretações. Mas o que está em jogo é o poder que resulta dessas interpretações, ou seja, a capacidade de extrair para transformar o mundo a nossa volta. (Echeverría, 1998)

Echeverría reporta a Marx para afirmar que “os filósofos só se haviam dedicado até então à interpretar o mundo, quando o que importa é transformá-lo” E a capacidade de transformação do mundo está associada ao poder de nossas interpretações. (ECHEVERRÍA, 1998, p. 45).

A linguagem como fenômeno de poder é sobretudo expressão, segundo Heidegger (2008) em Caminho para linguagem, a fala é expressão e a representação da linguagem como expressão é a mais habitual. Pressupõe a ideia de um interior que se exterioriza e todos esses movimentos são acompanhados por pensamentos.

Heidegger (2008) lembra ainda que, a caracterização da linguagem é sustentada por três posições:

Considera-se, em primeiro lugar que a fala é expressão precisamente quando se explica a expressão pelo recurso de uma interioridade, ou seja se baseia na subjetividade do ser enquanto ser pensante.

Em segundo, que falar é uma atividade humana. E que portanto o homem fala, e que sempre fala uma língua. Então podemos concluir que: a linguagem fala e que o

homem seria uma promessa da linguagem. Por fim, considera-se que a expressão do homem é a representação e apresentação do real e irreal.

Sabemos que há inúmeras definições, porém não suficientes para delimitar a essência da linguagem. A linguagem fala, mas se fala onde encontramos a fala na linguagem?

Heidegger (2005 p. 12) nos lembra que devemos buscar respostas:

Se devemos buscar fala da linguagem no que se diz faríamos bem em encontrar um dito que se diz genuinamente e não um dito qualquer, escolhido de qualquer modo. Dizer genuinamente é dizer de tal maneira que a plenitude do dizer, própria ao dito, é por sua vez inaugural. O que se diz genuinamente é o poema. [...] mas que poema é capaz de nos falar?

Encontramos resposta em todos os lugares genuinamente. No poema, pois o que se diz no poema é o que o poeta expressa a partir de si mesmo. Quando nomeamos, porque nomear aproxima o que se evoca e a evocação convoca e promove uma aproximação. Quando estamos quietos, porque o quieto não é de maneira alguma o que não soa, não soar é somente não estar na movimentação de entoar e soar. Mas a falta de movimentação não se limita a emissão de som e à sua suspensão e nem deve ser assumida como repouso em sentido próprio. “O modo de ser do repouso é aquietar, o pensar em aquietar o quieto movimenta mais do que qualquer movimento”.(HEIDEGGER, 2005 p. 15-23).

O autor acrescenta ainda que a linguagem fala como consonância do quieto e que a consonância do quieto não é nada humano. Ao contrário, pois em sua essência, o homem é como linguagem. “A expressão como linguagem” diz aqui: o que se apropria pelo falar da linguagem. Essa apropriação se apropria à medida que a essência da linguagem e a consonância do quieto, “faz uso da fala dos mortais” no intuito de torná-la sonora como consonância do quieto, porque os mortais têm a capacidade de a seu modo falar emitindo sons. (HAIDEGGER, 2005 p. 24-25).

Segundo Heidegger (2005) os mortais falam à medida que escutam e, quando escutam extrai uma “co-respondência”. Ao extrair essa “co-respondência” extrai o seu dito, chamado de “di-ferença”. A fala dos mortais já segue o seu modo e a sua convocação. Extraíndo mediante uma escuta, a correspondência é ao mesmo tempo uma resposta e um reconhecimento.

Podemos perceber que ao fazer essas provocações Heidegger sustenta que à medida que falamos ou escutamos, estamos assimilando e extraíndo da mensagem somente o que desejamos, e que a mensagem segue seu rumo, porque a fala e a escuta são autênticas e ganham corpo à medida que as interpretamos.

Cabe ressaltar que, compreendemos a linguagem como capacidade individual, como propriedade da pessoa. E o falar e escutar assumem como pré-condição da linguagem. Nesse ponto em que é considerado próprio o sentido que damos a linguagem do falar e escutar os dois autores Echeverria e Martin Heidegger se completam no sentido de dar o mesmo tratamento no que diz respeito a capacidade individual para a linguagem. Heidegger traça um caminho para linguagem e Echeverria descreve a linguagem como fenômeno social de interação.

Há que se ressaltar uma diferença considerável no pensamento Heideggeriano, pois o autor evita os termos das ciências sociais ou da psicologia tanto quanto possível, em favor de uma terminologia ontológica, onde há necessidade de criar uma terminologia

nova, palavras novas para exprimir seu pensamento. Heidegger foi criticado por desenvolver seu próprio alemão, seu próprio grego e seu próprio tipo de etimologias.

Echeverría (1998) enfatiza que a linguagem é de domínio consensual e que a tratamos como uma capacidade individual, ou como, propriedade de uma pessoa. Isso implica ao indivíduo que falar e escutar são condições para que a linguagem ocorra.

Tratar a linguagem como domínio consensual é afirmar que a linguagem nasce da interação social entre os seres humanos. E, para considerar esse pensamento como verdade, temos que levar em consideração que para que ocorra a interação através da linguagem, esses falantes e ouvintes têm que ter o mesmo sistema de signos (gestos, sons etc.).

Tendo na comunicação a condição para nossas ações, no que se refere à linguagem, Echeverría, citando Maturana com a sua teoria da ação comunicativa, diz que as numerosas formas de comunicação não são suficientes para produzir o fenômeno da linguagem, porque falamos de linguagem somente quando observamos um tipo particular de comunicação. “muitas espécies se comunicam. Sempre que vemos membros de uma espécie coordenando ações comuns, falamos de comunicação” (ECHEVERRÍA, 1998, p.51).

Como estabelecer esse caminho para se chegar à linguagem? Heidegger (1998, p. 191), em seu caminho para a linguagem diz que “isto soa como se a linguagem estivesse bem longe de nós, em alguma parte, de modo que para lá chegar teríamos que nos pôr a caminho” questiona ainda, se é necessário estabelecer um caminho para linguagem já que temos a capacidade de falar e que essa capacidade nos marca como homem.

Para Heidegger:

Somos, antes de tudo, na linguagem e pela linguagem não é necessário um caminho para linguagem. Um caminho para linguagem é até mesmo impossível, uma vez que já estamos no lugar para o qual o caminho deveria nos conduzir. Mas será que estamos mesmo nesse lugar? Será que somos e estamos na linguagem a ponto de fazermos a experiência de sua essência, de a pensarmos como linguagem, numa escuta, o próprio da linguagem? Será que já estamos na proximidade da linguagem mesmo sem uma ação nossa? ou será caminho para a linguagem o mais longo e extenso que se pode pensar? E não apenas o mais longo, mas também cheio de obstáculos oriundos da própria linguagem tão logo tentamos pensar, genuinamente e sem desvios, a linguagem no que lhe é própria? (HEIDEGGER, 1998 p. 192-193)

Heidegger mostra metaforicamente em seus questionamentos que não há um caminho de fato para a linguagem, e sim que ao aproximarmos dela, ela própria toma seu corpo e, desta forma, segue seu caminho. Para que a linguagem enquanto linguagem ganhe forma e siga seu caminho, é preciso trazer a linguagem para linguagem, no sentido de aproximação.

A parte da linguagem que nos referimos nesse momento é a fala, conhecida como atividade e capacidade nossas, mesmo assim falar não é nenhuma propriedade assegurada. Falar implica a verbalização articuladora de sons. A “articulação sonora” é, “o fundamento e a essência de toda a fala” “apreendida em sua verdadeira essência, a linguagem é algo consistente e, a cada instante, transitória”. (Willelm von Humboldt apud Heidegger 1998,p.196),

Nesse mesmo pensamento, Heidegger (1998) define a linguagem como o eterno trabalho do espírito de tornar a articulação sonora capaz de exprimir o pensamento. É possível deduzir, desta forma, que para Heidegger a fala pode ser considerada linguagem, por conter a essência do pensamento e a forma como o pensamento é exprimido.

Lopes (2007) lembra que, mesmo após a queda, como em todo personagem que voa alto, literal e metaforicamente, resta ainda um aprendizado, um resgate positivo da leveza como invisibilidade, não como opressão, anonimato mediocrizante, mas como outro tipo de subjetividade. Ou seja, a linguagem é “a atividade interior do espírito e a sua influência mutua” (HEIDEGGER, 1998, p. 197)

Heidegger (1998) sobre a linguagem conclui que:

Não se deve ver a linguagem como um produto morto e sim como uma produção. Deve-se abstrair a linguagem da ideia de tudo que ela efetiva como designação de objetos e transmissão de entendimentos e reconduzi-la com todo cuidado para a sua origem, intrínseca e intimamente relacionada.

Precisamos, portanto, aprender a parar de sermos nós mesmos e pensar no entendimento mútuo. Segundo Lopes (2007), devemos evaporar deixar nossos músculos se entorpecerem, respirar até sentir a alma sair de nosso corpo. E depois fechar os olhos. E assim se faz. O vazio dentro de nosso corpo se torna mais leve que o ar ao redor. Aos poucos, começamos a pensar menos do que nada.

Para (CALVINO, 1997, p.28 apud, LOPES, 2007, p.77) é preciso pensar em levezas como complementares: a leveza do pássaro que é a leveza da ação, da vontade afirmada, da narrativa que precisa do trajeto estabelecido, que vê de certa distância, transformando a paisagem e mapa; enquanto a leveza da pluma no ar, da espuma no mar, é a leveza da deriva, incerta, cheia de surpresas e marcada pelo acaso, no seu próprio caminho, leveza que aceita a realidade de perto, sem restrições e ainda assim se alegra.

Propor uma poética do cotidiano para a contemporaneidade, quando este é dilacerado pelas transformações urbanas e midiáticas, implica enfrentar o embate ético e estético de pensar os espaços e as narrativas da intimidade, especialmente o da casa. (Lopes, 2007). Por fim, citando HEIDEGGER, Lopes se interessaria menos pelo mundo do trabalho, da cidade e mais pelos mundos da intimidade, em que o habitar é já construir.

Fica claro, portanto, a necessidade de uma reflexão sobre a ontologia da linguagem vista sobre as diversas perspectivas adotadas por esses pensadores. Tendo em vista que o pensamento de ambos apesar de aparentemente contraditórios, se complementam.

Desvendar os mistérios do pensamento humano do ponto de vista da compreensão individual irá facilitar a compreensão do pensamento ontológico. Porém, o entendimento individual só terá fundamento de uso eficaz se houver o entendimento coletivo, pois, o pensamento quando fragmentado muitas vezes pode resultar em uma leitura errônea e possivelmente deixará de ser vista como a chave para compreender os fenômenos humanos e sua infinita capacidade geradora.

A linguagem deve ser compreendida por meio da busca constante de resposta pelo ser humano e também através da preocupação em delinear os fenômenos da linguagem ao se basear na tese de que todo fenômeno social é um fenômeno linguístico.

REFÊRENCIAS

ECHEVERRÍA, Rafael. **Ontologia Del Lenguaje**. 5. ed. Caracas-Santiago de Chile: Dolmen ediciones. 1998.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**; Tradução de Marcia de Sá Cavalcanti Schuback. 4. ed.-Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Ed. Universitária São Francisco, 2008.

_____. **Ser e Tempo**. 14. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

LOPES, Denílson. **A delicadeza: estética, experiência e paisagens**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Finatec, 2007.